



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

RELATO DE EXPERIÊNCIA O ENSINO DE HISTÓRIA EM UMA PERSPECTIVA INOVADORA: A DIVERSIDADE EM QUESTÃO

VIRGULINO, Maria Helena Cavalcanti ¹

Ser livre é conseguir flutuar entre a diversidade e a multiplicidade, sem perder a própria identidade.

[Dimos Iksilara](#)

Resumo: O presente artigo, caracteriza-se como um relato de experiência em sala de aula, tendo como referência o Programa de História da Comissão Permanente do Vestibular da Universidade Federal da Paraíba (COPERVE- UFPB) implantado entre os anos de 2008 a 2013, elaborado pela professora Rosa Maria Godoy Silveira do Departamento de História dessa universidade. A escolha desse programa baseia-se no fato de ter sido uma proposta inovadora, adotando como concepção dessa disciplina a História Temática, organizado a partir de três eixos: 1ª Série: Cidadania, Participação Política e Poder; 2ª Série: Produção, Trabalho e Consumo; e a 3ª Série: Diversidade Cultural, sendo de nosso interesse no corpo deste trabalho destacar as discussões selecionadas para o terceiro ano do Ensino Médio, enfatizando temas como as relações de Gênero e de Orientação Sexual. Essas problemáticas são extremamente pertinentes e atuais, não podendo mais a escola ignorar este debate, já que esse é um espaço em que a diversidade está presente, podendo contribuir na construção de valores e atitudes que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as múltiplas identidades existentes, ajudando no enfrentamento de práticas de desigualdade e de produção de preconceitos e discriminações.

Palavras Chaves: História Temática, Diversidade Cultural e Escola.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PPGE) e professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



1. Introdução

Em 1999 foi estabelecido, como forma de ingresso na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Processo Seletivo Seriado (PSS), passando os alunos/as prestar o exame vestibular em três etapas, começando a partir do primeiro ano do Ensino Médio e indo acumulando pontos até a última fase, o terceiro ano, estando concluído o processo de seleção.

Em novembro de 2008 a Pró-Reitoria de Graduação da UFPB organizou um seminário com a participação de cerca de 700 professores das diversas disciplinas, tanto da UFPB quanto do Ensino Médio de escolas das redes pública e privada do estado, tendo sido apresentado um novo programa para a realização das provas do PSS.

Os novos programas referentes às três séries do PSS do Ensino Médio foram elaborados a partir do que foi estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM); Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM); Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN); Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEN), e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio do Estado da Paraíba.

Objeto da nossa discussão neste trabalho, o programa de História foi elaborado pela professora Rosa Maria Godoy Silveira, docente do Departamento de História da UFPB, tendo também participado da elaboração dos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio do Estado da Paraíba como coordenadora e autora dos referenciais da disciplina de História, elaborados pela SEC/PB, em 2007, documento esse que, como

citamos acima, ajudou a embasar a elaboração dos novos programas para o PSS.

O programa adotado para o PSS de História, caracterizou-se como uma proposta inovadora, adotando, **como concepção dessa disciplina, a História Temática, organizado a partir de três eixos: 1ª Série: Cidadania, Participação Política e Poder; 2ª Série: Produção, Trabalho e Consumo; e a 3ª Série: Diversidade Cultural**, sendo de nosso interesse no corpo deste trabalho destacar as discussões selecionadas para o terceiro ano do Ensino Médio, com destaque para temas como as relações de Gênero e de Orientação Sexual.

As discussões dessas temáticas foram extremamente pertinentes e atuais, não podendo mais a escola ignorar este debate, já que esse é um dos espaços em que a diversidade está muito presente, podendo contribuir para a construção de valores e atitudes que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as múltiplas identidades existentes, ajudando a combater preconceitos que geram desigualdades e discriminações.

Como o nosso objetivo era a discussão do tema diversidade na escola, partimos desse conceito para dar início a essa reflexão:

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. Sendo assim, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa forma, porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos (GOMES, 2007, p. 17).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Partindo dos PCN que foi um dos documentos utilizados para a elaboração dos novos programas, a discussão assim está posta:

Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a, e da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão — tarefa necessária, ainda que insuficiente, para caminhar na direção de uma sociedade mais plenamente democrática. É um imperativo do trabalho educativo voltado para a cidadania, uma vez que tanto a desvalorização cultural — traço bem característico de país colonizado — quanto a discriminação são entraves à plenitude da cidadania para todos; portanto, para a própria nação. (BRASIL, 1997, p.17).

Ter levado a discussão para o âmbito escolar e mais especificamente para o espaço da sala de aula, a nosso ver, teve como implicações o enfrentamento de preconceitos muitas vezes vistos na escola como coisas banais, brincadeiras de adolescentes, o que fez com que em muitas circunstâncias esse tipo de comportamento termine sendo naturalizado e aceito pela maioria dos alunos/as e dos professores/as.

Como o novo programa foi elaborado a partir dos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio do Estado da Paraíba, sob a coordenação da professora Rosa Maria Godoy Silveira, a escolha de um eixo temático voltado para a discussão da Diversidade Cultural teve como objetivo refletir sobre a cultura como “o conjunto das criações, produções, realizações de um grupo social, em específico, e de uma sociedade, de modo mais abrangente, nos mais diversos domínios da existência humana” (RCEM - PB, 2007, p.127).

2. Metodologia

Na elaboração das aulas para exposição dos temas Relações de Gênero e de Orientação Sexual, um cuidado que tivemos foi com a preparação do material a ser apresentado em sala de aula, ou seja, com a escolha dos textos e das imagens que seriam usadas nos slides para não chocar, aumentando ainda mais a polêmica que os temas em si já despertavam. Além de todo esse cuidado, outra preocupação era com os pais, mães e/ou responsáveis. Como os alunos/as abordariam em casa as discussões que estavam sendo feitas em sala de aula.

Antes de iniciar o debate em sala a primeira atitude tomada por nós foi a de informar à supervisão e à direção da escola do teor das discussões, e das polêmicas que poderiam surgir, tanto com os alunos/as como com os seus pais, mães e/ou responsáveis buscando o apoio, não só no sentido de deixar claro que era um dos conteúdos do programa do vestibular e, portanto, teria que ser visto, mas, sobretudo esclarecer a relevância dos temas, ou seja, despertar no alunado o respeito às diferenças, sendo o primeiro passo para o enfrentamento dos preconceitos, o acesso a informação.

As aulas foram organizadas de forma expositivas, com a apresentação geral dos temas em slides, e em seguida a tarefa de casa dos alunos (as), seria a busca de maiores informações procurando textos, vídeos, bibliografia específica e depoimentos, materiais que seriam usados nas próximas aulas, ampliando as discussões a partir de uma maior participação do alunado.

Concluindo as discussões, os alunos (as) em grupo, elaboravam sínteses de tudo que foi discutido, enriquecendo com o material por ele (a) s coletado e pesquisado, apresentando suas conclusões em sala.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



3. Resultados

As discussões realizadas em sala de aula foram extremamente produtivas, principalmente pelo fato de ter gerado muitas polêmicas, o que fez com que os alunos (as) procurassem aprofundar os conhecimentos sobre as temáticas em debate, através da busca de materiais variados que dessem suporte aos argumentos levantados nos debates realizados em sala de aula.

No primeiro momento das discussões em sala, surgiram opiniões divergentes, com a alteração dos ânimos, o que fez com que aflorassem posturas de intolerância, revelando preconceitos que estavam escamoteados pela inexistência de espaços apropriados para as discussões de temáticas cada vez mais presentes no cotidiano escolar.

O aprofundamento dos conteúdos sugeridos, também possibilitaram a revisão de visões preconcebidas, ajudando os alunos (as) a conviverem com as diferenças que existem não só na escola, como na sociedade em geral.

3. Discussões

Nossa experiência com esse programa foi como professora da 3ª Série do Ensino Médio da rede privada de Joao Pessoa. No início os alunos/as estranharam bastante os conteúdos do novo programa já que passaram a ser organizados em eixos temáticos, sendo até então toda a programação organizada em ordem cronológica (seriado), característica essa que segundo Fonseca:

[...] ao mapear um quadro geral do ensino de História, na segunda metade do

século XX e justificar a urgência de mudanças, afirma que esse se mantinha diretivo e não crítico, atendendo às exigências do poder político institucionalizado no período ditatorial. Os programas privilegiavam o estudo dos fatos e realizações de personagens políticos numa relação linear e cronológica em busca do progresso pela ordem social. Os conteúdos de História Geral mantinham a divisão quadriparte e os conteúdos de História do Brasil mantinham a divisão política e factual (FONSECA, 2006).

Predominando esse tipo de abordagem no ensino de História, as desigualdades sociais, tanto no passado como no presente, eram tratadas como eventos naturais, o que tornava difícil a sua compreensão ou transformação por meio do conhecimento histórico, o que fazia com que situações e atitudes discriminatórias não fossem vistas como tais. Muito pelo contrário, terminavam sendo tratadas como comportamentos naturais, não ensejando medidas para o seu enfrentamento.

Com o novo programa, a professora Rosa M^a Godoy Silveira buscava redimensionar concepções, atitudes e comportamentos, a partir da seleção de temas e conteúdos que trouxessem para o cotidiano da escola e da sala de aula discussões que dessem conta das mudanças que hoje vivemos na sociedade, facilitando assim:

[...] a compreensão da relação presente passado-futuro, mediante o estudo de experiências vividas, permite identificar os valores construídos por outras sociedades e compará-los com os da nossa, distinguindo valores indesejáveis dos que pretendemos disseminar para fins de uma sociedade melhor- o nosso horizonte de expectativa (RICOUER, 2007). A situação dos valores em sua respectiva cultura, além de entendê-los como construções históricas, possibilita



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

viabilizar a relativização de nossas intolerâncias (quando se tratar de valores afirmativos da dignidade humana) ou a busca de caminhos para mudanças valorativas (quando se tratar de valores atentatórios à dignidade humana) (SILVEIRA, 2009, p.9).

Passado o estranhamento dos alunos/as com a nova forma de organização do conteúdo, o desafio passou a ser a discussão de um dos tópicos do programa mais polêmicos; “A Diversidade de Orientação Sexual”.

Para introduzir a temática, começamos com o conceito de Sexualidade, o que remeteu à discussão das questões relacionadas a gênero e sexo:

Sexo, identidade de gênero e orientação sexual são três âmbitos distintos de expressão ou vivência social de uma pessoa. E são várias as possibilidades de entendimento e expressão dentro de cada âmbito. Assim como o sexo não define necessariamente a identidade de gênero, a identidade de gênero não define a orientação sexual de uma pessoa. Reconhecer todas essas possibilidades e ainda outras que podem surgir é perceber a diversidade sexual, é respeitar a diversidade humana, contribuindo assim com uma sociedade justa, diversa, igualitária e livre. Sexo, identidade de gênero e orientação sexual são três âmbitos distintos de expressão ou vivência social de uma pessoa. E são várias as possibilidades de entendimento e expressão dentro de cada âmbito. Assim como o sexo não define necessariamente a identidade de gênero, a identidade de gênero não define a orientação sexual de uma pessoa. Reconhecer todas essas possibilidades e ainda outras que podem surgir, é perceber a diversidade sexual, é respeitar a diversidade humana, contribuindo assim com uma sociedade justa, diversa, igualitária e livre (Kotlinski, 2003).

Procuramos no início deixar claro para os alunos/as, as diferenças entre sexo e gênero, apesar de estarem relacionados, enfatizando que “[...] sexo é percebido como uma questão biológica; enquanto gênero é uma construção histórica a partir dos fatos genéticos” (AUAD, 2006, p.22).

A discussão sobre essa temática partiu no programa da Grécia Antiga, chegando aos dias atuais, contemplando-se em sociedades e momentos diferentes como as pessoas encaravam de acordo com sua cultura questões relacionadas à Orientação Sexual. No geral, grande parte do alunado procurava entender essas culturas com os referenciais do nosso tempo, o que fazia com que eles não compreendessem que cada cultura tem valores próprios.

Vendo a Grécia Antiga com os olhos de hoje, os alunos/as buscavam reconhecer o padrão heteronormativo², como referência para as relações afetivas e sexuais naquela sociedade, dificultando entender as especificidades da cultura grega, a exemplo da Pederastia³ como uma relação pedagógica, “uma instituição político pedagógica, que visava à formação do futuro cidadão ateniense e que poderia ocorrer durante os banquetes aristocráticos” (SOUSA, Sd, p.2), levando muitos na sala a querer comparar com

² É o padrão social ou sistema social vigente na sociedade em geral, como é o caso da nossa, sendo a heterossexualidade ensinada, reforçada e exclusivamente aceita pelas instituições sociais e pela própria sociedade (Kotlinski, 2003, p.3).

³ O homoerotismo masculino ateniense era praticado pelo parceiro mais velho, o erastés, que no grego clássico significa “amante” e pelo jovem, o erômenos, palavra que significa “apaixonar-se por”. Tanto erastés quanto erômenos são oriundos do verbo erán, que significa “amar” (DOVER, 1994: 34).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pedofilia, dando assim à pederastia um teor pornográfico e depreciativo.

Na medida em que as discussões iam acontecendo, os alunos/as participavam, mostrando-se muitos interessados de fato pelo tema, sendo algo novo, despertando cada vez mais a curiosidade e o desejo de conhecer; enquanto outros/as, em seus posicionamentos deixavam de forma clara transparecer os mais variados preconceitos, muitas vezes velado em forma de brincadeiras.

Na efervescência do debate em uma das salas uma aluna lésbica declarou sua orientação sexual, exigindo respeito dos demais colegas, enquanto outro aluno, nessa mesma ocasião, invocando a Bíblia, colocava a homoafetividade como desvio, pecado, aberração, o que exigia da professora uma intervenção firme para acalmar os ânimos e retornar o debate.

Surgiram muitos comentários de corredores entre os alunos/as, sobre as discussões que estavam sendo feitas em sala de aula, chegando ao nosso conhecimento, inclusive um desses comentários foi o de que a professora era homossexual, por estar defendendo a diversidade de Orientação sexual, sendo a sua filha e o marido apenas um disfarce.

Muitas vezes, saímos da sala de aula extremamente abalados com a falta de respeito que muitos alunos/as demonstravam em relação ao outro/as, deixando transparecer em seus preconceitos que suas opiniões também expressavam a dos pais, mães e/ ou responsáveis, sendo cada vez mais necessário para a escola trazer para a sala de aula discussões como essas, tentando, como já mencionamos anteriormente, a partir da informação, do conhecimento sobre a

temática, iniciar o enfrentamento a esse tipo de comportamento e atitude.

Alguns comentários sobre o tema em discussão, deixaram transparecer a intolerância, chegando um dos alunos a manifestar uma posição homofóbica, ao afirmar que “viado bom era viado morto”. Outro comentário preocupante foi o de um professor de matemática na sala dos professores/as, ao ouvir o meu desabafo com outros colegas do que vinha acontecendo nas aulas, falou que “preferia ter um filho morto a um filho viado”.

Em relação ao comentário do professor, o que fica clara é a falta de preparo dos docentes em geral no trato em sala de aula com as discussões de temáticas polêmicas refletindo, esse tipo de atitude, lacunas em sua formação, questão essa complexa, que não daria para nesse trabalho ser abordada, restando a escola se posicionar, como bem coloca Abramowicz (2012, p.8):

Não basta dizer aos professores que sejam tolerantes e que respeitem a dimensão da diversidade de nosso país, frase tão em voga em tempos neoliberais. É preciso ir além, não há nada a tolerar na medida em que não há hierarquias nas diferenças, não há a norma, ou normal, ou seja, fazer educação no mote da diferença, não é acolher, tolerar, é produzir todo o tempo a diferença.

Outra temática do programa que gerou muita discussão foi a Diversidade de Gênero. As polêmicas não foram tão acirradas quanto a temática de Orientação Sexual, mas nas brincadeiras dos meninos percebia-se a reprodução de estereótipos dos papéis atribuídos a homens e mulheres, sendo a nossa primeira tarefa desmistificar concepções arraigadas não só nos meninos, como em algumas meninas, que ainda achavam tais atribuições ditas como

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“femininas” naturais, devendo balizar o comportamento e atuação das mulheres ainda hoje.

Ao iniciarmos a nova temática, partimos da discussão do conceito de Gênero, levando os alunos/as a refletirem sobre ideias estabelecidas, que se transformaram em normas de comportamento a serem seguidas, determinando os papéis de homens e mulheres:

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de papéis masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas [...] (LOURO, 2003, p.23-24).

Em algumas salas de aula chegamos a ouvir de meninas que já estavam cansadas das discussões, que não aguentavam mais ouvir falar tanto sobre mulheres, sem contar que muitas outras não mostraram durante as aulas o menor interesse em conhecer sua História, além dos tais comentários de corredores que mais uma vez chegaram ao nosso conhecimento, “essa professora é muito feminista”.

Outras temáticas do programa que renderam boas discussões trazendo para a sala de aula temas até então desconhecidos ou pouco conhecidos pelos/as alunos/as, instigando a curiosidade e o desejo de aprender foram: Diversidades por deficiência, Diversidade

geracional e a Diversidade étnico-cultural. Estes temas, apesar de sua importância, não suscitaram polêmicas como os anteriores, sendo as aulas mais tranquilas.

Não podemos deixar de falar ao longo desse processo da participação dos professores/as de História da escola, tendo sido o primeiro desafio enfrentado por muitos/as o conhecimento do próprio programa, sendo os conteúdos selecionados pouco ou completamente desconhecidos para muitos/as docentes, tendo que ir buscar novas leituras, já que o livro didático pouco ou nada contemplava as discussões.

Buscar uma literatura que abordasse as discussões que seriam feitas em sala de aula contribuiu em muito para o enriquecimento de nossa formação, o que tornava o novo programa em uma espécie de formação continuada.

As novas leituras e as discussões realizadas na sala de aula e dos professores, ajudou a vencer opiniões preconcebidas, também por parte de muitos docentes da escola, sendo exigido dos professores/as de História, a partir do momento que trazia à tona questões relacionadas à diversidade, fomentar o respeito e a tolerância, sendo assim necessário redimensionar muitas vezes suas próprias convicções, aprender a conviver como o outro, com a diferença, compreendendo que o respeito é o melhor caminho para a construção na sala de aula e na escola, de um espaço mais acolhedor e democrático.

3. Conclusão

Foi extremamente gratificante e produtivo trabalhar com um programa de História de orientação temática, o que trouxe

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma nova dinâmica para o tratamento dos conteúdos selecionados, a partir do momento em que essa seleção não perdeu de vista os conteúdos já acumulados pela humanidade (o estudo do passado), mas aproximou essas discussões da realidade de hoje, do tempo presente, do tempo em que vivem nossos alunos/as, das problemáticas existentes na sociedade atual.

Com um programa organizado em eixos temáticos, os conteúdos selecionados passaram a ter uma maior significação, fazendo com que os alunos/as tivesse a possibilidade de conhecer como determinados valores, comportamentos e atitudes ao longo do processo histórico foram se modificando, até chegar aos dias de hoje, dando ao conhecimento histórico um caráter dinâmico, mostrando que a História é feita de rupturas, mas também de continuidades.

Ir do passado ao presente a partir da diversidade como fio condutor das discussões possibilitou aos professores/as de História e alunos/as um conhecimento mais amplo, deixando claro para esses, como valores, comportamentos e atitudes vão sendo construídos e modificados. Mas como muitos

Referências

ABRAMOWICZ, A. Prefácio. IN: GOBBI, M.A.; NASCIMENTO, M.L.B.P. (Org.). **Educação e diversidade cultural: desafios para os estudos da infância e da formação docente**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2012.

persistem, isto faz com que ideias preconcebidas se cristalizem e banalizem condutas que oprimem e excluem.

A escola em sua função social precisa urgentemente reconfigurar atitudes, comportamentos, valores, trazendo à tona a diversidade que existe em seu universo, discutindo em cada sala de aula e em cada disciplina de seu currículo como essa diversidade se manifesta nesse espaço e como muitas vezes ela é silenciada, ignorada em nome de uma pretensa harmonia que não “deveria” ser rompida, ajudando assim a perpetuar preconceitos, excluindo, ao contrário do que deveria fazer: ajudar a promover a inclusão.

O programa do PSS, elaborado pela professora Rosa Maria Godoy Silveira, abriu espaços nas aulas de História para o debate, trazendo à tona a diversidade como característica essencial do ser humano, presente na escola e mostrando que a melhor forma de conviver com ela é a discussão, o conhecimento, o enfrentamento de preconceitos que buscam calar o que a escola e a sala de aula têm de mais enriquecedor: a diferença.

[H1] Comentário:

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais. Educação Básica**. Brasília: CNE, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros**

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

curriculares nacionais: história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** história. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.** Brasília: Ministério da Educação, 1999: 299-307.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio:** Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares do Ensino Médio.** Brasília, 2004: 278- 309.

DOVER, Kenneth James. **A Homossexualidade na Grécia Antiga.** São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GOMES, Nilma Lino. Indagações sobre currículo: diversidade e currículo organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexos e aprendizados.** Campinas: Papirus, 2006.

KOTLINSKI, Kelly, **Diversidade Sexual - Uma breve introdução.** <http://www.coturnodevenus.org.br/leisejuris/diversidadesequal.ht>. Acesso em 10 de Julho de 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PARAÍBA: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA-Referenciais Curriculares para Ensino Médio da Paraíba: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Vol.3. João Pessoa – PB, 2007.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Cultura Histórica e Formação Ética: os objetivos atitudinais no Ensino de História. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA/Fortaleza**, 2009. Disponível em: anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH_S25.0802.pdf. Acesso em 14 de julho de 2015.

SOUSA, Luana Neres. **A Pederastia Ateniense no Período Clássico; Uma Proposta de Análise do Banquete de Platão e de Xenofonte.** SD, Disponível em https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SOUSA_Luana_Neres_de.pdf. Acesso em 10 de Julho de 2015.

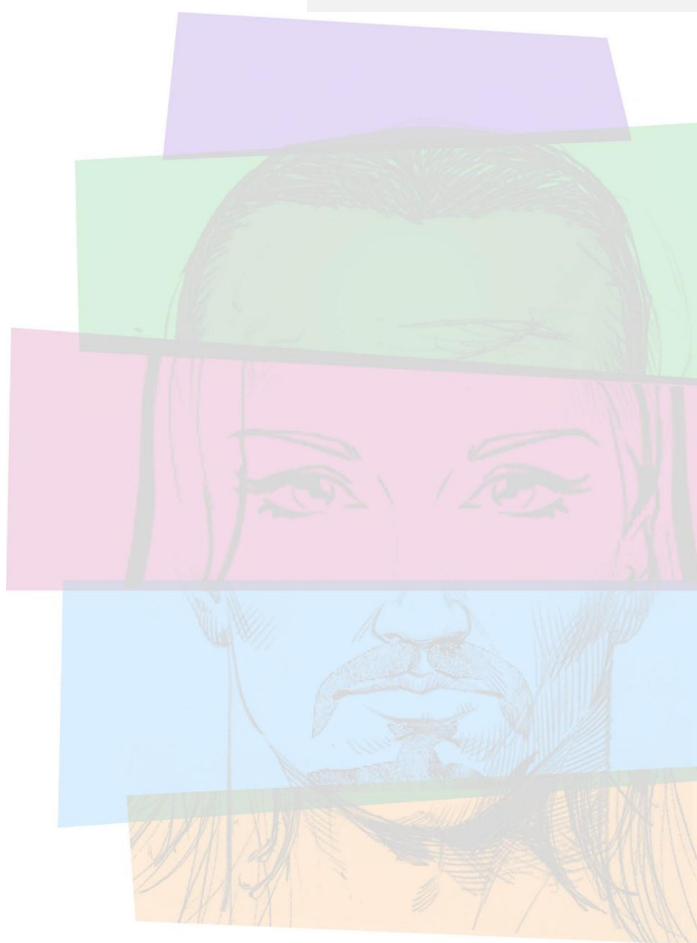
www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br